

A república revisitada *

Tania Regina de Luca **

GOMES, Angela de Castro; PANDOLFI, Dulce Chaves e ALBERTI, Verena (Coordenação). *A República no Brasil*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, CPDOC, 2002, 559 pp.

O ano de 2000 foi pródigo em eventos, balanços, sínteses e reflexões acerca dos quinhentos anos da chegada dos portugueses na América. O mercado editorial, por sua vez, comemorou a efeméride com o lançamento de variada plêiade de obras, algumas das quais destinadas ao público não especializado. Afinal, o interesse em conhecer a história do país extravasa o círculo restrito do mundo acadêmico. Entretanto, raramente se tem cumprido a contento a difícil tarefa de atingir uma ampla gama de leitores, sem comprometer o rigor conceitual, simplificar excessivamente os processos que se pretende elucidar e/ou desconsiderar a produção acadêmica mais recente. Em nome da leitura fácil e agradável, de cunho jornalístico, para utilizar uma adje-

tivação altamente valorizada, compromete-se a essência do que está sendo dito, postura que colabora para monumentalizar interpretações que, de há muito, já foram alvo de críticas e revisões, além de obstar a disseminação da produção universitária.

Neste contexto, a publicação da obra coletiva *A República no Brasil* cumpre importante papel. Escrita por membros do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), especialistas em Ciências Sociais e História, assume o desafio de voltar-se para um público amplo e diversificado e de traduzir, em linguagem clara e acessível, os debates acadêmicos mais recentes sobre o período. Para abordar a experiência republicana, desde o 15 de

* Resenha recebida em fevereiro de 2003 e aceita para publicação em abril de 2003.

** Professora do Departamento de História, Unesp/Campus de Assis.

Tempo, Rio de Janeiro, nº 15, pp. 207-212

novembro até os dias que correm, optou-se por uma estruturação temática, ou seja, cada um dos capítulos que compõem a obra aborda todo o período, rompendo com a organização meramente cronológica e dotando os ensaios de relativa autonomia. Certas temáticas são abordadas em mais de uma oportunidade, sob diferentes perspectivas, o que enseja estimulante diálogo entre os textos e propicia ao leitor não especializado oportunidades para compreender a complexidade dos processos sociais. A iconografia, por sua vez, não tem a função de ilustrar o que está sendo dito, ou seja, de traduzir em imagens as afirmações, reforçando-as, como é hábito na grande maioria das obras de história, sejam ou não didáticas. As imagens, como se esclarece na apresentação, “constituem narrativas paralelas, com função de complementar o que é dito e de dialogar com os diversos capítulos” (p. 10). A obra traz grande quantidade de gráficos, mapas, desenhos, pinturas, fotografias, charges, anúncios, capa de livros, revistas e folhetos de cordel, cartazes e cenas de filmes e peças, fruto de extensa pesquisa em fontes variadas.

O livro abre-se com um ensaio que trata dos acontecimentos ocorridos em 15 de novembro. Distingue-se dos demais por ser o único dedicado à análise de um evento. Seu mote inicial é a tela de Benedito Calixto, *Proclamação da República*. A partir da discussão das várias representações produzidas sobre o fato em si, seja na iconografia, seja nos relatos dos diferentes periódicos nacionais e estrangeiros e dos personagens que dele participaram, o acontecimento, assim como seus desdobramentos, vai ganhando

múltiplos sentidos, postura que dota os envolvidos de historicidade. Exemplar, neste sentido, é a trajetória da figura do Imperador, que teve de deixar o país na calada da noite, em 1899, e cujos restos mortais só puderam ser trasladados, com as honras e as pompas exigidas pela ocasião, em 1921, quando já não mais representava ameaça para o regime. A seleção da iconografia sobre D. Pedro II indica a dimensão da transformação e da reapropriação de um monarca ridículo, velho e dirigente de um império decrépito (pp. 23, 24 e 25), para um “venerando brasileiro” e “patriota insigne” (p. 29).

Seguem-se nove ensaios temáticos. No primeiro deles, *As bases republicanas dos Estados Unidos do Brasil*, discutem-se o governo provisório, os debates na Constituinte e, em detalhes, os fundamentos da Constituição de 1891, apresentados como expressão de embates e negociações entre os diferentes grupos que, então, dominavam a cena política. A natureza do pacto federativo que se estabeleceu, as características do sistema político, o relacionamento entre os poderes e o sistema eleitoral estão entre os temas esmiuçados. A segunda parte do texto é dedicada aos símbolos republicanos, a seu processo de criação e ao sentido, nem sempre unívoco, no qual os mesmos têm sido mobilizados, ao longo de pouco mais de um século de regime republicano. Coerente com esta perspectiva, a iconografia é consagrada à bandeira, que figura nas mãos e no corpo de diferentes personagens, nos contextos mais diversos e com significados múltiplos.

Entre o primeiro e o segundo capítulos, há o encarte *O dinheiro no Brasil*, que informa sobre as mudanças do padrão

monetário durante a República e contém uma série de reproduções de moedas e cédulas, colocadas em ordem cronológica. O material articula-se com a discussão sobre os símbolos nacionais, uma vez que o dinheiro, elemento manuseado por todos os habitantes do país, constituiu-se num veículo privilegiado para difundir mitos e compor o panteão dos grandes heróis nacionais.

O capítulo 2, *Voto e participação política nas diversas repúblicas do Brasil*, oferece ao leitor um amplo panorama a respeito das relações entre a população, os governantes e as instituições republicanas. As condições de realização das eleições, desde as práticas da chamada República Velha até a extensão do direito do voto, consagrada na Constituição de 1988, os vários sistemas partidários da era republicana, os movimentos de contestação civil e militar e os golpes de estado são apresentados e analisados em perspectiva histórica, compondo um rico mosaico do que tem sido a experiência política brasileira. Destaque-se o esforço de síntese, pois se trata de dar conta do dia-a-dia dos embates políticos, sem se deixar seduzir quer pelo gosto de se deter na descrição de cada detalhe, quer pela recensão apressada ou subordinada a uma racionalidade exterior aos eventos. O caráter excludente do regime republicano é expresso, de forma bem humorada, nas várias charges que compõem o capítulo, recolocando, a partir de outro registro, o desafio expresso no texto, qual seja, a necessidade de incorporar efetivamente a massa de excluídos, o que obviamente não se resume à conquista do direito de voto.

No texto *Da barbárie à terra prometida: o campo e as lutas sociais na história da República*, os aspectos mais propriamente políticos cedem lugar à abordagem da candente questão da terra, que está longe de haver sido equacionada. O tema é abordado a partir de três momentos: os anos iniciais da República, com destaque para o movimento de Canudos e suas várias reinterpretações historiográficas; os conflitos de Porecatu, Formoso e Trombetas, ou seja, de meados da década de 1940 ao início dos anos 1960 e, por fim, o período compreendido entre o golpe de 1964 até os dias de hoje, com especial ênfase para o surgimento do MST. O capítulo traz como ilustração capas de folhetos de cordel, cenas e cartazes de filmes relativos aos conflitos e aos problemas sociais no campo.

As fronteiras nacionais e os brasileiros estão no centro do capítulo *Através do Brasil: o território e seu povo*. Trata-se de dar conta tanto dos limites territoriais, em sentido estrito, tarefa levada a cabo pelo Barão do Rio Branco, cuja atuação é objeto de considerações circunstanciadas no texto, quanto de abordar as expectativas, os anseios e os desafios que a conquista efetiva do espaço nacional despertou ao longo do período republicano. As viagens dos médicos sanitaristas, nas primeiras décadas do século XX, as expedições de Rondon, a exploração de regiões recônditas, no norte e no centro do país, a construção de Brasília e a abertura da transamazônica compõem a cena de uma “marcha para oeste”, constantemente reposta e que determinou parte significativa dos deslocamentos populacionais. Os contornos do país, que, pela força da

repetição, se afiguram como naturais, recuperam sua imprecisão, enquanto a sucessão de alterações nas divisões regionais e nas unidades administrativas adverte para a ação das forças políticas e sua capacidade de determinar a leitura e a apreensão das paisagens. Os habitantes também integram este esforço classificatório, que pretendia definir tipos e culturas, encastelando-as em áreas específicas. Discutem-se, ainda, as alterações de cunho demográfico, as políticas migratórias e de colonização e a transformação do Brasil de um país agrário em um país predominantemente urbano. Mas vai-se além dos dados e das transformações de cunho econômico, apontam-se as múltiplas apreensões que, por décadas a fio, a heterogeneidade étnica e cultural despertou entre a intelectualidade local, que nutria dúvidas quanto às possibilidades de a nação trilhar a senda do progresso.

As imagens presentes no capítulo, que por si só ensejam uma rica leitura da construção da idéia de nação e evocam o esforço de autoconhecimento, articulam-se com o segundo caderno iconográfico, que traz vários mapas do Brasil, datados de diferentes períodos, além de ícones a respeito de paisagens (pinhal, cacau, coqueiral), atividades (jangadeiros, barqueiros do São Francisco, garimpeiros, seringueiros) e “tipos nacionais” (baianas, rendeiras do Nordeste, gaúchos), que ganharam, inclusive, direito de figurar no averso de cédulas.

Economia e trabalho no Brasil Republicano, o quinto capítulo da obra, aborda tema amplo e complexo. A forma de dar conta do desafio foi engenhosa: parte-se das exposições nacionais e internacionais de que o Brasil republicano participou,

iniciando-se com a última, realizada no século XX, que ocorreu na cidade de Lisboa, em 1998. Apresenta-se o valor simbólico destas grandes feiras e as transformações que elas conheceram, no decorrer do tempo. Para caracterizar a economia agroexportadora, predominante até os anos 30, o leitor é convidado a percorrer a Exposição Nacional de 1908, organizada em comemoração ao centenário da Abertura dos Portos. Em seguida, aborda-se a participação brasileira na Feira Mundial de Nova York, ocorrida em 1939, ano marcado por dois outros eventos locais importantes: a Exposição Nacional do Estado Novo (dezembro de 1938 a janeiro de 1939) e a 12ª Feira Internacional de Amostras (novembro de 1939). Estes acontecimentos introduzem a discussão a respeito das alterações econômicas e no campo da legislação social, que marcaram o primeiro governo Vargas. O ideal de modernização e de progresso dos anos 50, por sua vez, encontra sua expressão mais completa na inauguração de Brasília, evento que atua como abre-alas para a questão dos rumos da economia brasileira no período. Já o milagre econômico da ditadura militar é estudado a partir da participação do país na Export-73, realizada em Bruxelas, oportunidade em que o Brasil compareceu como fabricante de produtos industriais. Mostra-se como o otimismo então reinante foi duramente atingido pelos choques do petróleo, cujas conseqüências são descortinadas no texto. A iconografia exhibe aspectos das várias exposições e feiras citadas, além de incorporar uma série de gráficos, que sistematizam dados de natureza econômica.

O capítulo seguinte, *O século do moderno: modos de vida e consumo na República*, fornece um amplo e diversificado quadro da vida cotidiana. Hábitos alimentares, de vestimenta, lazer e consumo em geral são abordados a partir de variada gama de fontes, dotando de materialidade o dia-a-dia dos habitantes do campo e das cidades brasileiras, no decorrer do período republicano. Especial destaque merece a utilização das pesquisas sobre padrões de vida, várias delas realizadas pelos professores da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, assim como de dados a respeito da capacidade de compra dos trabalhadores em vários períodos, o que permite avaliar as possibilidades efetivas de consumo de diferentes faixas da população assalariada. O capítulo, que condensa amplo esforço de pesquisa, contém grande quantidade de anúncios, recolhidos em diversos órgãos da imprensa, que convidam a refletir sobre a mutação dos valores e dos papéis sociais. O texto é suplementado com outro caderno iconográfico, terceiro da obra, que reúne dezenas de propagandas, apresentadas em ordem cronológica, e que cobrem todo o período republicano.

O sétimo capítulo, *Cultura e identidade nacional no Brasil do século XX*, trata dos dilemas e dos impasses da construção de uma nação moderna e progressista, ideais que têm sido perseguidos com afinco, ainda que seu significado e seu sentido tenham mudado, no decorrer do período republicano. São justamente estes deslocamentos que se expressam nos muitos redescobrimientos do país, problematizados no ensaio. Analisa-se o ideal de um Brasil europeizado, simbolicamente expresso pelas reformas de Pereira Passos,

o encontro com o homem do interior e a literatura regionalista, cujo símbolo maior é o Jeca, de Lobato, as várias propostas modernistas, as tentativas de se criar uma cultura popular e nacional nos anos 1930 e 1940, o debate em torno do povo e sua “verdadeira” forma de expressão, que marcou as duas décadas seguintes, o impacto da cultura de massas e do processo de globalização. As imagens tentam expressar as variadas respostas formuladas para a questão “quem somos”. Há imagens de cidades em diferentes épocas, cenas e cartazes de filmes e espetáculos teatrais, flagrantes de programas de televisão, fotografias de desfiles de escola de samba, de rodeios e de festas de boi. Ao texto segue-se outro caderno iconográfico, cuja temática continua sendo a do capítulo.

As esperanças e os anseios depositados na instrução, assim como a avaliação dos resultados obtidos pelas políticas implementadas na área por mais de um século, constituem-se no objeto do capítulo *A escola republicana: entre luzes e sombras*. O ensaio, iniciado com a parte da análise das várias formas de escolarização presentes (que conviviam) na passagem do século XIX para o XX, explicita o lugar central ocupado pelas propostas educacionais em diferentes momentos da história republicana e retraza os embates que cercaram propostas, leis e reformas, além de discutir os efeitos concretos das medidas que chegaram a ser implementadas. As ilustrações, muito significativas, captam diferentes momentos da prática escolar. O caderno de imagens que se segue ao texto, último do volume, apresenta os resultados do inquérito escolar,

realizado em 1907, cuja forma de apresentação é bastante sugestiva.

A *República brasileira: pactos e rupturas*, último capítulo da obra, faz um balanço do sistema político republicano, passando em revista seus momentos decisivos, desde a política dos governadores até os desafios enfrentados após a reconquista das liberdades democráticas. O caráter oligárquico e excludente da nossa prática política, uma das marcas persistentes do regime republicano, é evidenciado, alertando para os entraves que ainda cercam o exercício da cidadania no Brasil. As fotografias que acompanham o texto referem-se a eventos, campanhas políticas, comícios, movimentos populares e personalidades da vida pública. O volume contém cronologia, que abarca o período 1889-2000.

Tendo em vista a natureza do projeto, sempre será possível apontar evento e/ou processo que poderia ter sido abordado de forma mais detida. Entretanto, é preciso ter em conta que se trata de um corte temático, entre muitos outros possíveis, a respeito da história republicana e não de uma enciclopédia sobre o período. A partir da Proclamação, o leitor vai sendo introduzido numa ampla gama de

questões, enfocadas a partir de diferentes perspectivas e cujo tratamento incorpora os debates mais recentes na produção historiográfica, o que permite compor um amplo quadro da vida política, econômica, social e cultural do Brasil Republicano, tornando a leitura do volume muito proveitosa para os que trabalham com o período.

No que tange à iconografia, concebida como parte essencial da obra, não restam dúvidas quanto à sua adequação e à sua pertinência. Contudo, pode-se perguntar se o leitor não familiarizado com as discussões sobre o uso de fontes imagéticas poderá, sem o auxílio de legendas que esclareçam o significado e/ou dirijam o olhar do observador, tirar proveito efetivo do que lhe é ofertado, como ocorre, por exemplo, com a tela de Benedito Calixto, que ganha pleno sentido a partir da análise levada a efeito no texto. Naturalmente, não seria possível repetir o exercício com todas as ilustrações apresentadas, mas talvez fosse o caso de os organizadores avaliarem a oportunidade de se adicionar, numa próxima edição, nota explicativa a respeito da seleção das imagens e das funções que se espera que as mesmas desempenhem na leitura.